

2001 (uma ótima ideia ir ao terraço)

Gênio

Te vejo no próximo milênio!

Na boca

Oca

A língua

À míngua

Não fala mal de ninguém

Não fala mais de ninguém

Ela quer o bem

Ela quer o cem



E enquanto o céu não vem

Giro a língua

Na tua boca

Tiro o cem

E vou além

Com o tiro

Que miro

No alvo preto

No branco negro

Da alma.

Calma

O voo é por um triz!

(Washington, 1980)

Amém

Homem de barro
Mulher de costela
quem foi que disse?

onde começa o amor dessa peça?
vai, examina

quando a paixão desencadeia
não é ele
nem ela
é elo

e os corpos grudam
um no outro
fatalmente

viu como é simples?

o gozo é eterno
sem peso nem forma
e viverá para sempre

apesar de todos os céticos
dos céticos
amém.

(Rio, 1982)

vem menina

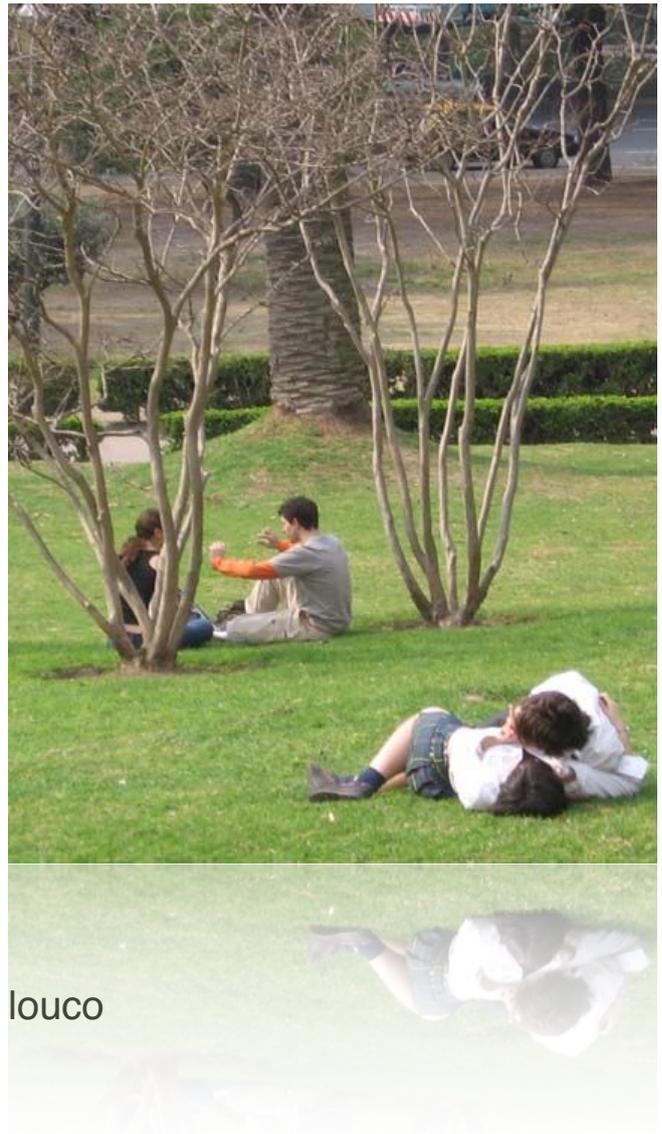
Tira a casca
com a unha
com o dente
com a faca

Tira a casca, menina
tira a casca

Levanta a crosta
que esconde o miolo branco
franco
do saber mais puro

Lucidez é se expor ao ideal tido por louco
o resto
menos que nada
é pouco

Vem comigo, menina
tira a casca enquanto é tempo
e o tempo passa, leva, seca, raspa
até deixar a alma em carne viva...
... e eu não quero isso pra você
anda, vem.



(Washington, 1981)

bea feitler

Agora você sabe tudo a meu respeito. Já não preciso escolher a roupa, nem pentear o cabelo para me apresentar na melhor forma.

Saudades suas. Daquela seu abraço 52nd Street: tanta beleza que me senti gato e sapato.

Hoje, sete vidas por aí, sem *Vogue* e sem você, sou gato escaldado de tênis sujos. O coração, cheio de corte e costura, ainda não saiu do alinhavo; mas dele sabe, e salteado, que paixão só cai bem no corpo quando tem bom talho. E o amor, sem roupa, é coisa que se usa e nunca sai de moda.

carne de primeira

Coisa boa
ter seu corpo
à mão
pegá-lo
e não pedir licença

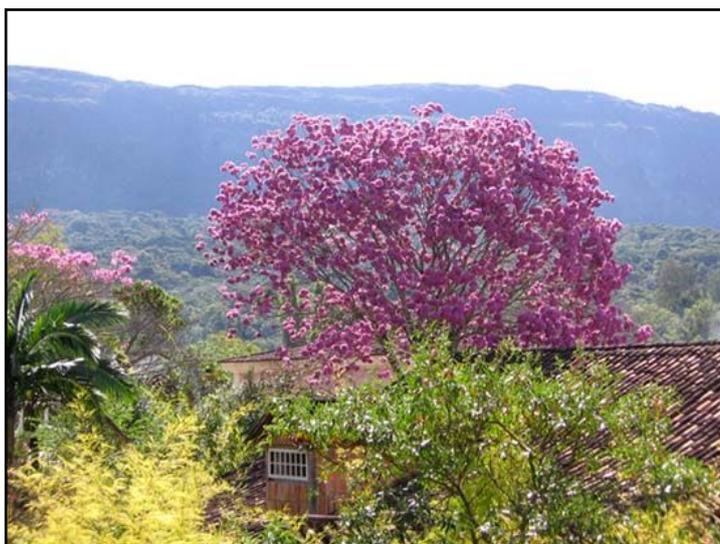
sem você por perto
me frito

me viro
e reviro na cama
feito bife passado
na frigideira.

(Nova York, 1982)

o lobo e o carneiro

O lobo e o carneiro passaram o dia inteiro na cama. E ninguém foi lá dizer que lugar de lobo é na floresta – uivando e amedrontando – e que carneiro tem de andar com carneiro – ou ovelha, sei lá -, que lobo é mau caráter, de família não idônea e que, portanto, não é companhia

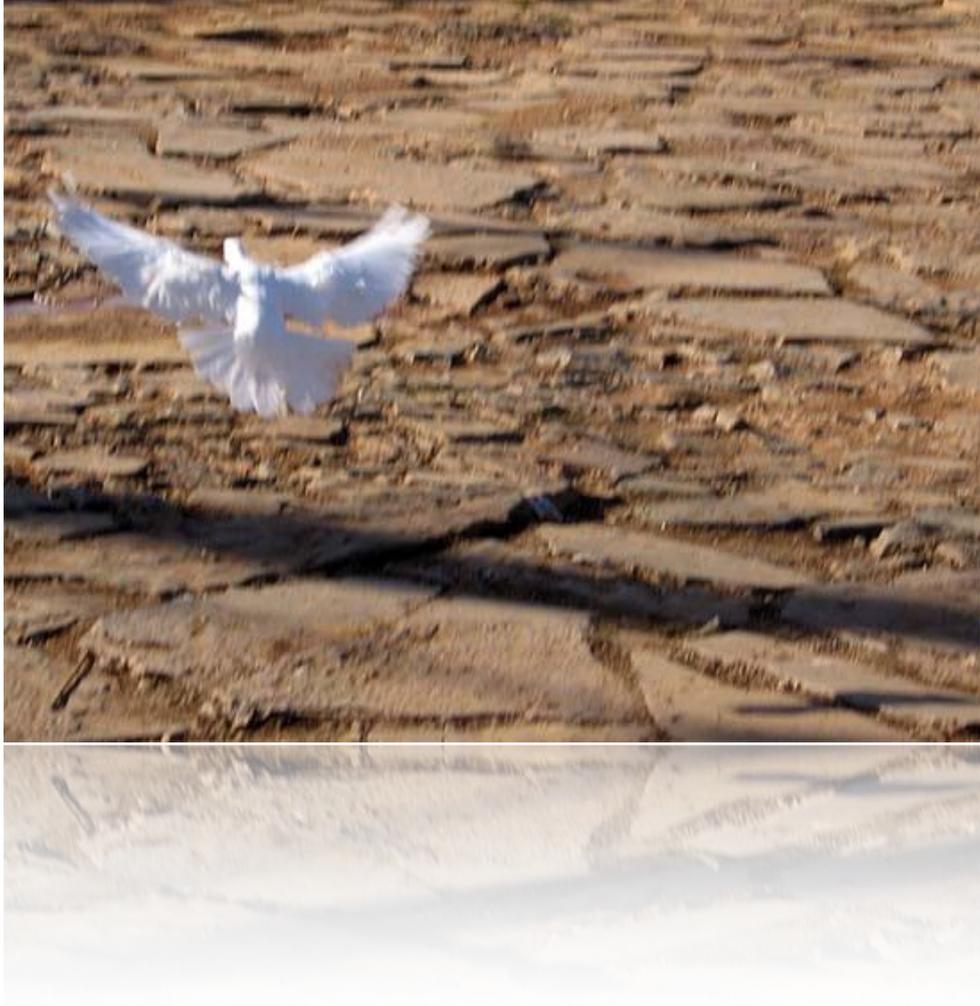


pra carneiro, ainda mais aquele carneiro, de rebanho quatrocentão. Carneiro branco, filho, neto e bisneto de carneiros brancos (jamais se conhecera um caso de ovelha negra naquele rebanho de reputação impecável). Pois é, mas o lobo e o carneiro passaram o dia inteiro na cama, levando o maior papo, numa sintonia perfeita, curtindo uma de fazer inveja a qualquer ser humano. E não houve ninguém que fosse lá dizer que alcateia é malta e rebanho é legião. Ninguém jogou pedra na janela, nem ousou querer expulsá-los do lugar, porque o Amor que deveria voltar, voltara e já estava ali com eles. Quem tinha pedras nas mãos engoliu-as, quem ousou encará-los envergonhou-se, baixou os olhos e saiu de costas.

Era o início do Paraíso, do mundo renascido. Assim, livres de qualquer peso ou culpa, o lobo e o carneiro, apesar de todos os seus antepassados e antecedentes, puderam juntos ser felizes.

(Washington, 1982)

Não se pode servir a duas senhoras (nas ilhas do Sul)



- À Paz o que é da Paz
À Guerra o que é da Guerra.

- Mas a Guerra, rapaz
da vitória quer os louros
todos para si
e os morenos!

(Brasília, 1982)

cortejo

Os batedores
De moto
Vão na frente
Falando alto

Os batedores
De carteira
Vão depois
Falando baixo

Os batedores
De gente
Vão dos lados
Calados (mal sabem falar)

Depois
Aplaudindo-os de pé
Descalço
Os batedores de palma
Que, na realidade
Não passam de apanhadores

E apanham muito
Sempre
Em qualquer regência

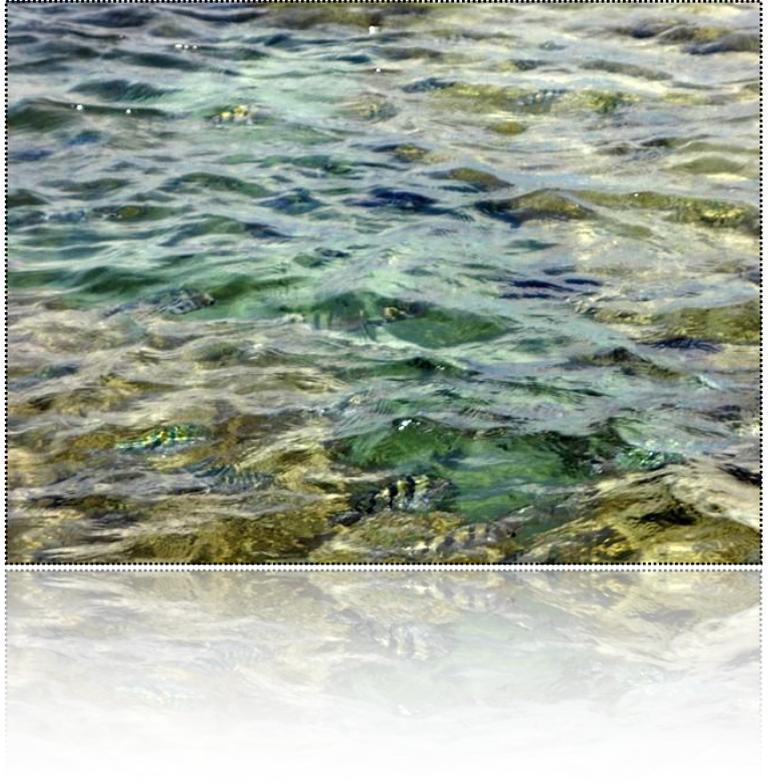
(Rio, 1982)

sob o mar (luta de classes)

Gaivotas
devotas
circunscrevem
contritas
o voo
perfeito

Em notas musicais
mergulham
e fisgam o peixe
fatais

De volta
já à tona
alçam-se
em glória e paz
e não ouvem
sob o mar
os tantos ais
os tantos ais.



(Rio, 1982)

contabilidade

Em contabilidade
o sobrar
é tão errado quanto a falta.

O certo é o exato.

Portanto, se não fiz economias
e chego ao fim da vida
superavitário
alguém visivelmente desfalcado
esteve pagando o meu excesso.

(Rio, 1982)

Livros

Cada pessoa é um livro de mistério
ou de suspense, que nunca se chega
a ler completamente.

Folha de livro não é pano – que tem
avesso e direito; é gente, com lados
iguais que merecem ser vistos.

Não me livro de poemas, não me livro
de contos, não me livro de romances.
Porque os amo a todos, na carne. E
os quero sempre impressos, na alma.
Brochura simples ou encadernados.

(Rio, 1982)



9.876.543.210

Reunindo-se os diferentes algarismos que se conhecem, temos que o número 9.876.543.210 é o mais elevado que se pode conseguir e, na função de completá-lo, o nove (algarismo de maior valor individual) é tão necessário quanto o zero (cujo valor por si só é nada).

Da mesma forma, enquanto indivíduos, somos algarismos de valores diferentes mas, como partes vivas de um todo que se quer perfeito, tornamo-nos iguais e imprescindíveis. E, ainda que haja uma ordem estabelecida de precedência, o caráter essencial e não excludente que possuímos nos coloca lado a lado e nos nivela.

(Brasília, 1982)

Rodrigo

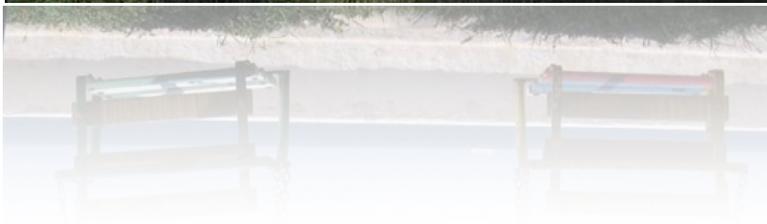
Na hora principal
o menino Rodrigo
foi
sem saber
a minha força
o meu estímulo

apoio
abrigo

jamais acreditou que amar
seja separar
assim
tão simplesmente
o joio
do trigo
- amigos de infância

talvez nem saiba da parábola

entendeu tudo
sem pegar no livro.



(Washington, 1981)

o novo

O novo é leve
de voar
o novo não tem o que rever
nem tempo de se deter
em qualquer coisa
que não seja mais fácil que sonho.

O novo não carrega
o peso dos feitos de glória
nem o fardo dos remorsos

O novo
de repente
me puxa pela mão
desembestado
galgando de estalo o impossível
coração disparado
riso solto
em grandes projetos
de não levar nada a sério!

(Washington, 1980)

Integração



Somos afinal a mesma folha de papel. Misturados na mesma consistência e limitados pelas mesmas margens. Somos afinal a mesma folha de papel, escrita ou não, pouco importa, que um dia a mão da sorte pretendeu desunir, sem saber que, ao nos rasgar, nos reproduziria inteiros, incólumes, em mil pedaços.

(Nova York, 1979)

saudades

Quero encontrar
todos os que se foram
bêbados de luz
cantando e dançando
em movimentos azuis.

Quero abraçá-los
com força
por dentro
nos extremos do infinito
no mais íntimo firmamento.

Quero ouvir Beethoven
e a nona música
girando límpidos
em perfeita acústica.

Quero conhecer a Via Láctea
pelas mãos de minha Avó.

(Brasília, 1979)

ao léu, ao céu



Meu corpo
Escapa pelos poros
Voa solto
Anos-luz
Desliza, patina e plana
Sem plano de voo
Energia plena
Força liberta
Sem direção certa.

Meu corpo
Não é meu
É de tudo o que quer e anseia
É por onde anda
Ao léu, ao céu
É o que encontra
Percebe, repara e nota
E que assim o faz
Alegre ou triste.

Meu corpo
não existe
peixe ou gaivota
não me pertence
e já que insiste
deixo-o ir
universal
sem roupa
sem nome
sem atribuições
(essas coisas de todo mortal)
deixo-o ir
inteiro
sem limites
sem medidas
sem dimensões.

Meu corpo
sai do corpo
onde mora
e absorto
na pele se dilui
meu corpo todo
flui
e se evapora.

(Nova York, 1979)

corpo-luz

O corpo
é vela que arde
e se esvai
em cada gesto
mas não é a cera
nem a chama
é a luz
que do fogo gasto
emana.

(Washington, 1979)

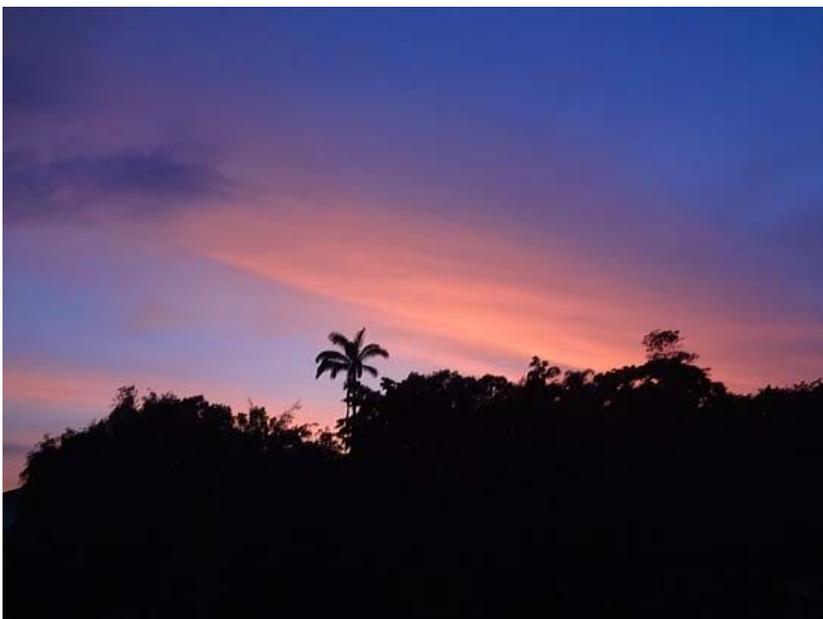
paz na terra

O céu que vejo de manhã
é cor-de-rosa
de um sol virando na cama
pr'a acordar

pequenas nuvens violetas
outras mais pro azul-claro

a estrela do pastor
segue o seu rumo

e os anjos
em ritual silêncio
fazem
com um beijo
a troca da guarda.



(Rio, 1982)

com os pés na terra

De que adianta
ter os pés na Terra
Se a Terra
os tem aqui no Universo?

Não, José
não resolve segurar no meu braço
nem cobrir com telhado
nem ancorar no porto.

O chão está solto, José
solto
e rodando firme aí no espaço.

(Washington, 1980)